



UM NARRADOR DE HISTÓRIAS POR MEIO DE IMAGENS

Um artista de múltiplas referências que se define como um contador histórias: assim podemos descrever o desenhista, pintor e cenógrafo Flávio Roberto Tavares de Melo, conhecido como Flávio Tavares, nascido em João Pessoa, na Paraíba, no dia 15 de fevereiro de 1950. Filho de desenhista – seu pai, Arnaldo, também era médico – e neto de um notável fotógrafo, Pedro Damiano, Tavares iniciou sua carreira artística ainda muito jovem e exibiu sua primeira exposição com apenas 18 anos de idade.

Desde então, não parou mais, expondo trabalhos por diversos locais do Brasil e do exterior. Muitos de seus desenhos e pinturas destacam-se por exaltar as riquezas singulares do nosso país e também por constituírem como mensagens de crítica social e política. Em meio às cores e aos traços de suas obras, identificamos elementos ligados a nossas raízes como o folclore, a vida boêmia dos grandes centros urbanos, o forte papel da mulher na sociedade, entre inúmeros outros contextos.

Alguns minutos de contemplação dos trabalhos de Tavares nos permitem adentrar no mundo de renomados escritores, pintores, cineastas e outras importantes referências nacionais e internacionais que o influenciaram e continuam a influenciá-lo na produção de suas obras. Basta alguns minutos de conversa com o artista para que ele nos leve ao mundo de Gabriel García Márquez, Jorge Amado, Fellini, entre outros, e compreenda melhor como sua relação com eles transcende para as imagens retratadas em seus trabalhos.

No entanto, Tavares ressalta como cada pintura ou desenho deve traçar seu próprio caminho, sem

ser condicionado a esta ou aquela referência para que a obra seja, sempre, livre. Mas, não podemos nos esquecer, obviamente, de que a imagem, embora trace seu percurso, nunca estará totalmente dissociada do seu autor. Assim também ocorre com o artista paraibano que, ao nos contar um universo de histórias que permearam sua infância e o marcaram para sempre, ressalta, também, como elas estão presentes nos personagens desenhados e pintados por ele.

*Nesta entrevista concedida a **Lumen et Virtus**, o artista conta um pouco de sua trajetória, aborda a riqueza de artistas presentes no Nordeste e ainda pouco conhecidos no restante do Brasil, cita renomadas influências que, de alguma forma, fazem parte de seus trabalhos, narra as experiências vividas no período em que foi chargista crítico da ditadura militar e explica a riqueza de detalhes presentes numa de suas obras mais recentes e de grande repercussão chamada **Brasil, o Golpe: A Ópera do fim do mundo**.*

Venha conferir!

LV – Conte um pouco de sua trajetória artística. Acredita que o fato de seus pais terem tido contato com a Arte acabou influenciando sua escolha?

FT – Sem dúvida. Meu pai era médico e, também, ilustrador do jornal **Correio das Artes**, um caderno de literatura que pertence, ainda hoje, ao jornal **A União**. Ele era muito bom em bico de pena, como meu avô, que também era bom aquarelista.



E, assim como acontece em casa de músico, onde os familiares tendem a tocar música, em nossa casa, eu tinha cinco irmãos que desenhavam muito bem, além de mim. Depois todos seguiram trajetórias diferentes, mas eu segui desenhando e pintando, meu pai sempre me incentivava como podia, na forma de conduzir os traços, a comprar materiais e, por volta de meus 14 ou 15 anos, eu entrei para o Coex (Coordenação de Extensão Cultural) aberto pela Universidade Federal da Paraíba entre os anos de 1964 e 1965.

Lá eu tive bons professores como Raul Córdula, Gilvan Samico (1928 – 2013), Lazzarini (1920 – 1987) – pintor italiano que viveu no Rio de Janeiro –, que vinha do Rio de Janeiro ensinar técnica, e tudo isso me marcou muito. Eu poderia dizer que foi a cozinha do pintor e, a partir daí, começaram as pequenas exposições coletivas, ainda em minha juventude, na reitoria, em outros lugares, chegando a Olinda.

Assim eu fui criando consciência de que existia um caminho a seguir no ramo da arte, em relação ao desenho, à xilogravura, à escultura... Algum tempo depois eu prestei vestibular, participei de um Salão de Arte Global, em que eu e Montez Magno, um excelente artista pernambucano, ganhamos o primeiro prêmio, e depois fui para Paris, onde tomei consciência da grandiosidade artística. Afinal, eu saía de uma cidade pequena e adentrava aquele mundo de museus; e Paris, realmente, é uma festa, mesmo em outras décadas.

Após expor em minha cidade, fiz exposições fora dela, como no Rio de

Janeiro que me abraçou muito bem com o crítico Walmir Ayala (1933 – 1991). Em 1967, eu participei, aos 18 anos, do Salão de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, e a Galeria Santa Rosa, pertencente a Suzana de Moraes (1940 – 2015), filha de Vinícius de Moraes (1913 – 1980), fez minha primeira grande exposição juntamente com o filho de José Paulo da Fonseca (1922 – 2004), que era um grande artista fluminense.

Mais tarde fiz exposições em outros locais e, na década de 80, expus na Galeria Bonino, no Rio de Janeiro, que era uma grande referência em termos de Arte e de onde disparou o sucesso de artistas como João Câmara, Miguel dos Santos, Siron Franco, entre outros. Depois, viemos para a magnífica Fundação Darcy Penteado, em São Paulo, e para o Paço das Artes, onde eu lancei um livro de desenhos humorísticos chamado **O Circo vem aí**.

Na época da ditadura, eu fiz alguns álbuns, fazia charges para um jornal e nunca deixei o desenho humorístico. Eu produzi um livro de humor chamado **O Pavão sem Mistério**, fazendo uma analogia à censura por meio de uma tesoura cortando as penas do Pavão. Eu também participei de dois festivais de humor de Piracicaba, e depois fui me afastando mais devido às exposições fora. Na época eu trabalhei uma temática artística muito forte, em que tudo se passava na cama e na mesa baseado nas neuroses de família, principalmente nas da nossa família, que era grande, e todas as discussões se passavam na mesa, desde algo mais complexo até as brigas de ciúme. A situação era tão hilariante e, às vezes,



chegava a beirar uma espécie de “violência”, ao mesmo tempo, que a família era quem fazia um pouco do humor para sustentar tudo isso.

LV – Você sofreu censura ou perseguições no período da ditadura?

FT – A perseguição cultural, na época da ditadura, por causa do AI 5, era muito mais perigosa do que a de hoje. Um dos fortes exemplos foi o jornal **O Pasquim**, considerado o cérebro para burlar a mediocridade de uma ditadura. Na época eu fazia charges para o jornal **Diários Associados**, fundado por Assis Chateaubriand (1892 – 1968), mas a publicação de tais charges constituía um problema para o próprio veículo. Então, naquela época, havia censura, porém eu nunca sofri uma censura oficializada, pois nos espelhávamos muito em São Paulo e Rio de Janeiro. Afinal, se fôssemos fazer uma charge envolvendo os políticos daqui do Nordeste, aí sim o jornal seria censurado.

Porém, fazíamos charges, por exemplo, de Figueiredo (1918 – 1999) que gostava mais do cheiro do cavalo do que do povo. Situações bizarras que, por si só, já nos forneciam um campo para desenvolvermos charges, como no período em que chegaram a fechar um teatro devido à exibição da peça **Liberdade, Liberdade**¹, pois queriam saber onde estava o tal de Bertold Brecht, ou seja situações que já

formavam uma charge pronta. Circunstâncias muito estranhas para o mundo da cultura, não que esta fosse a verdade, mas já constituía a semente para o nascimento de uma verdade futura da minha geração e de outras que estavam nascendo.

LV – Poderia contar um pouco mais sobre *O Pavão sem mistério* que faz, justamente, uma crítica a ditadura?

FT – **O Pavão sem Mistério**, a princípio, era um desenho simples que faz analogia das penas do pavão com a liberdade. Não é difícil fazer um fabulário a respeito, também ressaltando a busca da beleza. A figura do pavão é trabalhada na psicanálise e, por falar a respeito, eu convivi em João Pessoa com um grupo de excelentes psicanalistas que eram meus amigos, mas eu nunca fiz análise. E uma vez apareceu aqui na cidade, Franco Basaglia (1924 – 1980) – médico e psiquiatra italiano – que ficou impressionado com a obra. Eu ainda fiz os desenhos do pavão para ilustrar o artigo de um ativista alemão que ficou encantado com as imagens. Eu fiquei muito contente porque o desenho foi publicado numa revista veiculada na Alemanha, na Itália, entre outros lugares.

Mas, aqui no Brasil, a maior repercussão desta obra se deu graças à Ziraldo numa galeria do Rio de Janeiro, onde eu a expus. E como a obra tinha um aspecto humorístico e havia uma rixa entre artista plástico e humorista, aquela questão ainda enraizada na Semana de 22 que prezava algo mais sério, desprovido de humor, com exceção da Vanguarda que já pensava a frente do seu tempo, os críticos me

¹ Escrito por Millôr Fernandes e Flávio Rangel, o espetáculo *Liberdade, Liberdade* foi considerado o texto de maior sucesso do chamado teatro de protesto, fazendo uma crítica ao regime militar de 1964.



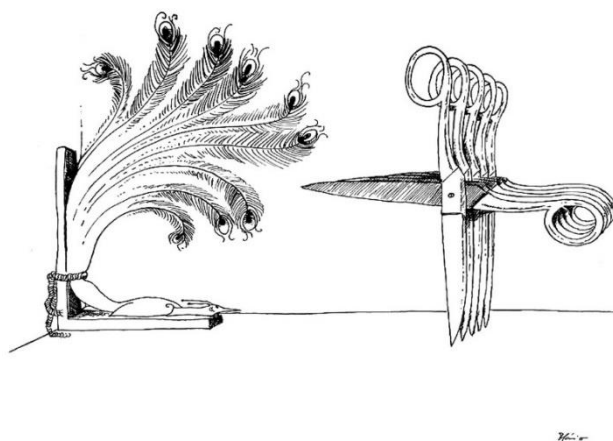
disseram que eu precisava definir o meu caminho: se eu seria humorista ou pintor, pois os dois lados não estavam se encontrando.

E quem observava meus trabalhos percebia, realmente, que sempre era algo de aspecto mais angelical, de linguagem nordestina, ligado ao folclore, se diferindo, totalmente, daquelas charges extremamente contundentes sobre o regime militar. A diferença era tamanha que eu parecia ter desenvolvido outra personalidade ao fazê-las. Mas, depois dessa crítica que eu recebi no Rio, eu me lembro que Ziraldo subiu numa mesa dessa galeria e disse que não sabiam o que estavam perdendo e que minha exposição de humor era tão boa quanto a de pintor. Inclusive saiu uma nota a respeito, publicada por Sérgio Augusto, no **Jornal do Brasil** e depois em **O Pasquim**.

Naquela época, ano de 1977, eu consegui fazer algo mais trágico, misturando religião,

poder e a TFP (Tradição, Família e Propriedade) mineira, fazendo crítica dos meus desenhos que foram se tornando mais pesados. Eu produzi uma série que vem ao encontro do meu quadro mais recente **Brasil, o Golpe: a ópera do fim do mundo**, algo burlesco e grotesco, sob o ponto de vista de uma espécie de ópera felliniana, algo teatral, semelhante às obras de bufões.

A partir daquele período, então, eu compreendi que era muito difícil condensar ou sintetizar o meu caminho pela Arte numa única linha, principalmente num período de ditadura em que chegaram a nos prender, eu e meus irmãos. Assim, era difícil fazer uma dicotomia entre a pintura e o desenho; pois, até hoje, ainda enxergo o segundo muito à frente da primeira, por estar mais livre e solto. Já a pintura ainda nos freia um pouco, devido a sua camada pictórica, ela cria uma espécie de couraça.



Pavão sem mistério. Bico-de-pena sobre papel, 1976



Às vezes, quando vou pintar uma tela e olho para o desenho que já fiz, com aquela profusão de histórias, afinal eu gosto de contar histórias por meio de imagens, penso que, ao pintá-lo, posso engessá-lo, pois a pintura não permite, como no desenho, os traços mais soltos, o movimento de um braço, por exemplo, que eu vejo nos esboços dos artistas e acho muito bonito, um dia ainda farei esse trabalho, de **esboço provocado**. Mas eu digo que me tornei um colorista, pois o desenhista ainda existe, no entanto, a cor vai semeando, sem ser algo imposto, porém eu continuo vendo o desenho à frente da pintura.

Talvez os desenhos de Francisco de Goya (1746 – 1828) traduzam melhor essa minha explicação, pois quando eu observo as gravuras deste artista, como as suas séries sobre as atrocidades da Inquisição, sinto neles uma alma. Nós nos libertamos dessa catarse cromática, já que o desenho não exige cor, ele flui, mesmo quando erramos. Já a pintura possui esse estigma de estar numa tela, nós cometemos esse equívoco de achar que ela deve estar sempre numa galeria, casa ou museu, o que acaba privando muito a liberdade.

Eu gostaria de ser um pintor mais livre, de pincelada solta, porém não consigo. Por isso admiro muito os pintores expressionistas, quando eu conheci alguns na Alemanha, ou ainda, os trabalhos de Van Gogh (1853 – 1890), vejo como é bonita a pintura solta, livre.

Como sou narrador de histórias, muitas vezes, quando queria traduzir algo em palavras ligava para o meu irmão Carlos

Alberto Tavares, jornalista que trabalhava para o **Correio Braziliense** e que faleceu em Brasília, e ele me fazia uma excelente explanação. Sofri muita influência dele e de seus contos. Eu me lembro que ele me deu um livro fantástico que eu leio até hoje chamado **Lendo as imagens**, escrito pelo argentino Alberto Manguel. A obra é uma semiótica da imagem, mas, ao mesmo tempo, um princípio de como enxergamos as imagens ao dizer que, desde que estejamos de olhos abertos, estamos lendo imagens. Quando dizemos que vamos a casa de nossa mãe, por exemplo, já estamos vendo, no mínimo, a imagem da nossa mãe ou da nossa casa. Não podemos fugir disso.

LV – Como foi o processo de produção do quadro *Brasil, o Golpe?*

FT – O processo iniciou-se a partir de outros quadros que eu estava agrupando, com diversas imagens de situações paralelas que se juntaram num único quadro. Trata-se de uma alegoria e de um tipo de opereta. Eu iniciei o trabalho com o julgamento do Supremo sobre o *impeachment* da Dilma Rousseff que me comoveu muito e hoje muitas questões foram esclarecidas após as revelações do **The Intercept**. Alguns anos depois, houve o assassinato de Marielle, cuja família é de João Pessoa, que também me comoveu muito. Nessa época eu tinha uma exposição marcada que se chamava **A linha do sonho** com obras semelhantes à série **O Circo Voador** e decidi, então, produzir uma obra sobre o que estava acontecendo.



No início eram três painéis de três metros; eu não queria fazer nada panfletário e a primeira imagem que veio à minha mente foi de Jean-Baptiste Debret (1768 – 1848), artista francês que retratou muito bem a realidade escravagista do Rio de Janeiro e

cujo trabalho está presente em muitos livros de História, trazendo situações como a imagem de uma mulher dando restos de comida a um negro, em torno de uma mesa, que eu coloco no quadro.



Brasil, o Golpe: A Ópera do fim do mundo, 2018

Na mesa eu também pintei Raquel Dodge, Temer, ao lado, como um vampiro, fiz algo humorístico mesmo, e, no outro lado da mesa, está Sérgio Moro comendo uma coxinha, numa linguagem descritiva. Mais abaixo eu produzi uma linda imagem de Marielle com um vestido estampado, baseada em uma de suas últimas fotografias tiradas no Rio de Janeiro, que me lembrou muito a Vênus do pintor Botticelli (1445 – 1510). Por isso eu a

coloquei numa posição mais centralizada no quadro, como se ali fosse o centro do mundo. Também há um rio que não transmite água, mas é um rio cênico, desenhado e nele há um barco de Virgílio com uma lanterna no rio Lete, o rio do esquecimento (segundo a mitologia grega), em que somos acometidos pelo esquecimento ao beber a água ali presente.

Atrás de Marielle, eu retratei uma cena que sempre me impressionou: Dilma sendo



interrogada pelos seus torturadores aos 18 anos de idade, uma menina, praticamente. Eu pintei seus torturadores com capuz e atrás deles um forno crematório. Mais à esquerda, inspirado na obra **O Guardador de Rebanhos** de Fernando Pessoa (1888 – 1935), pintei Lula preso e uma multidão junto a ele. À frente de Lula, há algumas pessoas gordas sobre as costas de escravos e há um pelourinho acima com um negro amarrado, baseado numa cena que também me impressionou muito ocorrida no Rio de Janeiro, há quatro anos, onde amarraram um jovem negro assaltante de forma brutal para que morresse. Foi uma verdadeira barbárie.

À frente do pelourinho, há uma ama de leite com um menino branco no colo, uma cena clássica que foi muito comum no Brasil; e, ao lado dela, há uma fera que representa o seu próprio destino, ou seja, as feras sob os negros. Descendo o olhar, pelo lado direito, há outro forno crematório, como se o poder fosse descendo até chegar, mais abaixo, na casa grande e senzala que eu illustrei com os políticos em torno do banquete, com Luiz Fux (atual presidente do Tribunal Superior Eleitoral) no centro deles.

No entanto, a razão deste quadro é descritiva e pode perder seu valor se não tiver uma boa execução. Para pintá-lo, eu busquei ver uma cortina se abrindo, usando cores quentes e frias, e procurei fazer uma aliança com todas as imagens presentes com o intuito de que o observador circule pelo quadro por meio do olhar numa sequência cíclica pelos elementos: barco, luz, Lula, pomba da Paz

perto dele, pelourinho, banquete... enfim, o quadro foi feito para que o olhar comece e termine num teatro infernal e burlesco, uma espécie de fim do mundo retratado numa ópera.

Ainda há a imagem de uma fênix que representa o renascimento das cinzas e de um dragão cuja imagem me inspirei no filme **O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro e Deus e o Diabo na Terra do Sol** de Glauber Rocha. Esse filme também me inspirou a usar a imagem de São Jorge em minhas obras que eu associo muito mais a Glauber do que à questão religiosa.

LV – Como foi a repercussão dessa obra?

FT – A repercussão foi ótima. Eu parablenizo o SESC, em João Pessoa, que expôs a minha obra e contratou até mesmo segurança; pois, ao divulgar o quadro na mídia, eu fui ameaçado de morte por algumas pessoas e outras disseram que iriam rasgá-lo. A obra repercutiu em mídias como o **Diário do Centro do Mundo** e o **Brasil 247**.

O meu sonho é que Lula veja esse quadro, mas eu nunca o conheci. Quem o viu e me ligou foi Haddad. Eu estava em casa e fiquei surpreso, cheguei a pensar que fosse um trote, mas não era. A imagem chegou até ele pelas mãos do meu amigo e diplomata Marcelo Rocha, que é muito amigo de Haddad e foi seu assessor na época em que ele foi prefeito de São Paulo. Eu mandei um livro para Haddad pelas mãos de Marcelo, que hoje mora em Nova York, e, na época, foi a casa de Haddad



para entregá-lo. A partir daí, o ex-prefeito acabou conhecendo meu quadro e me ligou para me parabenizar pelo trabalho, além de me convidar para ir a São Paulo e conversar, pessoalmente, com ele.

LV – Hoje você é considerado, por muitos críticos de arte, um dos artistas mais importantes do Nordeste brasileiro e um dos mais respeitáveis do Brasil entre todos os artistas de sua geração. Como é para você ser prestigiado dessa forma?

FT – Eu fico envaidecido por tal referência em minha terra, João Pessoa, que é uma cidade tão afetiva. Eu não posso dizer a palavra provinciano no sentido português, mas a Província sempre me agradou, eu sempre vivi aqui, cheguei a morar um tempo na Alemanha e nos EUA, mas esta cidade paraibana é meu ateliê, eu pertencço a ela; e, quando recebo essa crítica benéfica, eu fico muito contente, pois, é neste momento, que eu me junto a grandes ídolos meus como Chico César, Zé Ramalho e, então, eu me vejo dentro de um time. Nem gosto muito de usar tal palavra, mas é para descrever esse mundo, do qual faço parte, onde a beleza e a arte estão florescendo juntamente com outros artistas.

Então, eu pertencço a uma escola muito séria. Antigamente, eu não compreendia quando Walmir Ayala dizia que eu pertencço a escola pernambucana de arte, afinal a palavra ‘pernambucana’ era muito nova. Eu considerava tal afirmação um equívoco, mas hoje não mais, pois eu vejo a forte influência artística oriunda do Nordeste, especialmente de Pernambuco,

considerada a central da Arte, de onde vem artistas como Francisco Brennand (1927 – 2019), Gilvan Samico, João Câmara, este, paraibano, José Cláudio, entre outros. Em Recife há um largo leque de grandes artistas e de grandes escultores, também, como Abelardo da Hora (1924 – 2014), Corbiniano Lins (1924 – 2018). Há o Centro de Cultura de Brennand, por exemplo, que é fenomenal. E tudo isso me influenciou e eu acredito que a grande parte do Nordeste também.

Ainda destaco os trabalhos de Ariano Suassuna (1927 – 2014) que, para mim, parece ser irmão de Samico e de Brennand, pois estão muito perto na origem das raízes culturais, sem cair no ufanismo.

LV – O Nordeste tem uma vasta gama de artistas talentosos que ainda não são reconhecidos em outras partes do Brasil. Como você avalia esse cenário?

FT – O sistema de comunicação, a globalização, criou coisas boas, mas também criou ilhas. Quando eu comecei a desenhar, ainda novo, os amigos médicos do meu pai diziam a ele que eu deveria ir para São Paulo, um grande centro, pois, na época, tudo estava centralizado no Rio e em São Paulo. Não se tratava nem de uma questão monetária, mas acreditava-se que apenas nestas cidades eu poderia aprender e tornar o meu nome notório. Inclusive, eu tenho um irmão que mora em São Paulo e me dizia que eu perdia tempo com exposições pelo Brasil e pelo mundo, porque elas se encerram e os quadros ficam dispersos por aí e então ele me pedia para ir a São Paulo. Eu não digo que resisti ao pedido dele, mas optei por ficar em



João Pessoa, pois as minhas gerações, assim como outras de grandes artistas, começaram a produzir lucro na capital e, assim, foi criado um pequeno mercado de arte; que, na verdade, eu chamo de venda de quadros, pois, no mercado de arte, a obra pulsa de uma mão para outra.

Além disso, se um quadro meu chega a São Paulo ou ao Rio, muitos não saberão de quem é a obra, mas aqui em João Pessoa, todos desejam saber.

Assim, eu acho que criamos, aqui, um ninho artístico, onde não se ganha dinheiro, evidentemente, mas dá para se viver bem; eu, por exemplo, moro numa casa no meio do mato, isolado.

Quanto à questão de ser reconhecido, eu não vejo como algo tão distante da nossa realidade nordestina. Eu sei que sou conhecido pela crítica, pelos amigos, mas

aqui em João Pessoa, eu tenho um conhecimento da região mesmo, por isso acredito que o meu papel artístico é aqui em João Pessoa. E a história é muito gratificante.

Eu tenho um painel grande chamado **No Reinado do Sol** na **Estação Ciência**, que é um prédio feito por Oscar Niemeyer, uma de suas últimas obras que, para mim, é uma constante janela do número de pessoas que vão visitá-lo. Outro dia eu fiz uma pequena restauração nele, e, enquanto o observava, eu pensava como era possível que eu tivesse pintado uma profusão tão grande de personagens, com tanto fôlego, em apenas seis meses. Então eu percebo que não teria condições de pintar tal quadro fora daqui, pois há uma raiz tribal minha muito enraizada mesmo aqui no Nordeste. São muitas histórias.



No Reinado do Sol. Óleo sobre tela, 2008

Recentemente, o estilista Ronaldo Fraga empregou uma iconografia da minha pintura e introduziu duas rendeiras da cidade de Monteiro. Eu visitei a oficina delas fazendo aquela renda, pois ele irá

lançar ainda na São Paulo Fashion Week, e eu vejo como essa semente iria brotar. Eu fico muito contente com isso.

No dia 15 de fevereiro eu completo 70 anos e querem fazer uma exposição grande



como se fosse uma retrospectiva minha. Eu fico até nervoso, pois nem acredito que já terei essa idade. Há tanta coisa para fazer... Pois a Arte é um campo em que pretendo viajar muito ainda, dentro da criação.

LV – Além de expor seus trabalhos pelo Brasil, você também já expôs fora do país. Quais as diferenças perceptíveis na reação do público nacional e internacional às suas obras sobre a nossa realidade?

FT – Aqui no Brasil, as pessoas se espelham em meus trabalhos, elas se identificam com a obra. Já no exterior... eu vou contar uma experiência interessante que se passou em Berlim, na Alemanha, no ano de 1992, quando eu fiz uma exposição numa galeria chamada *Niebuhr*, que não existe mais. Essa exposição foi muito impactante para mim sob o ponto de vista do olhar do observador alemão e de sua percepção a respeito de meus trabalhos.

Naquela mesma época, Ruy Guerra (poeta e dramaturgo), Cláudio Bernardes, filho do arquiteto Sérgio Bernardes (1944 – 2007) e o cineasta Paulo Melo vieram a João Pessoa fazer a marcação de um filme chamado **Vingança**, sobre o cangaço. Então cheguei a conviver com Ruy Guerra e os demais durante um mês no sertão paraibano, depois ele me convidou para fazer o cenário de **A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua Avó Desalmada** de Gabriel García Márquez (1927 – 2014), quem sempre me influenciou desde quando li, pela primeira vez, sua obra **Cem Anos de Solidão**. E o

filme coincidiu com o lançamento de minha exposição na Alemanha.

Eu não sei se estava impregnado da magia de García Márquez, fazendo, em meus trabalhos, uma fusão dele com Jorge Amado (1912 – 2001), que eu também amava, e cuja literatura sempre me influenciou muito na questão de sentir o cheiro da terra da América Latina, mas, ao conceder uma entrevista para uma rádio alemã, a primeira pergunta que me fizeram foi sobre minha influência de nomes como Vargas Llosa, García Márquez e Jorge Amado. Eu me lembro que eram perguntas muito extensas e que se tornavam curtas ao serem traduzidas para o português, mas a questão era que eu não tinha um conhecimento tão profundo sobre eles, eu gostava de lê-los. O meu propósito era digerir as obras de García Márquez, as produções de Fellini, além do meu contato com as histórias que meu pai contava.

Não comparo meu pai com Ariano Suassuna, mas algo que eles tinham em comum era essa vertente nordestina de saber contar histórias alegres, muitas absurdas que eu chamo de histórias de mentiroso, no bom sentido. Assim, a **mentira** está na literatura de cordel, nesta literatura nordestina que vai longe e possui um cordão umbilical na nascente da América Latina de Gabriel García Márquez, de Octavio Paz (1914 – 1998), de Juan Rulfo (1917 – 1986), com sua obra **Pedro Páramo e Chão em Chamas**. E eu misturava todo esse universo mágico latino-americano sem mesmo perceber, mas que foi identificado pelo público na Alemanha. Essa percepção de fora foi o



que mais me gratificou como pintor, afinal a tela não anda nem fala, ela tem uma linguagem muda e estagnada, mas passou tal mensagem.

Eu, realmente, não acreditei, pois não tinha o propósito de traduzir esses escritores por meio de minhas pinturas, tive até receio de me tornar ilustrador deles, sem querer. Aliás, eu tenho certo medo de procurar raízes em meus trabalhos para não produzir, muitas vezes, uma arte panfletária, folclórica, enraizada a folguedos. Não quero condicioná-la, pois eu uso uma espécie de realidade mágica em minhas obras. Mas, de qualquer forma, não deixo de reforçar que tal experiência internacional foi muito gratificante.

LV – No Brasil não houve a mesma percepção, em suas obras, deste universo latino apresentado por estes grandes escritores?

FT – Não, aqui perceberam, em minhas pinturas, a influência de Di Cavalcanti, identificaram a volumetria de Diego Rivera (1886 – 1957), o contorno de Francisco Brennand, entre outras questões. No entanto, eu gostaria de destacar que, na minha opinião, devemos observar a arte com um olhar selvagem, desprovido de um acervo cultural mapeado, para que possamos ver a obra livre, com caligrafia própria, para não fazer dela um campo de geomorfologia.

O que importa é que se busque uma linguagem caligráfica da própria alma e dos próprios gestos, algo que vemos ser possível, com o tempo. Eu digo que sempre desenhei com facilidade, mas hoje

eu desenho com uma liberdade enorme, quase como uma caligrafia que eu posso chamar de linguagem própria sem, é claro, abandonar minhas enérgicas influências. E, por isso, é sempre bom estar junto a essa latinidade. Eu, por exemplo, gosto de pintar ouvindo músicas como **Fina Estampa** de Caetano Veloso e também aprecio muito as canções de Chico Buarque, Pixinguinha, Sivuca, (1930 – 2006), Pablo Milanés, um cantor cubano, também gosto de Villa Lobos (1887 – 1959), quando eu quero que a alma transcenda para outro mundo para não ficar aqui pensando em outra coisa.

Toda essa relação, portanto, é uma confluência de histórias, um caleidoscópio sonoro, de letras, de cores etc.

LV – Alguns de seus trabalhos que chamam a atenção fazem parte da série *Circo Voador*. Como foi o processo de produção desta série?

FT – A ideia de **O Circo Voador** surgiu em São Paulo, a partir do lançamento da obra **O Circo vem aí** no Paço das Artes, e aborda questões que se assemelham, com pequenas diferenças, às brutalidades que vivemos hoje. Eu abordei nos desenhos assuntos ilhados e outros saindo.

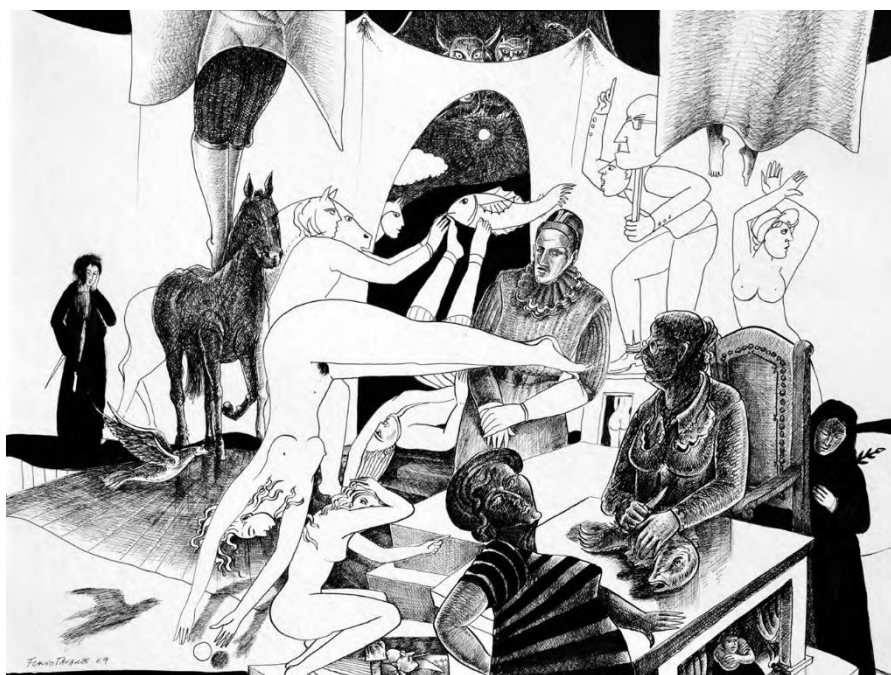
Por exemplo: fiz um campo de futebol no telhado de uma casa, neste campo, embaixo do telhado, há uma grade com pessoas presas, do outro lado um pássaro sai voando com uma mulher para outra terra, outros mundos, que abrem cortinas e nos permitem ver, fora deles, uma plateia observando esses mundos de dentro. Então eu fiz uma espécie de labirinto numa



linguagem teatral, com a qual sempre tive contato, pois eu fui cenógrafo de várias peças como **O Auto da Compadecida**, de Ariano Suassuna, **Tartufo**, comédia do francês Molière (1622 – 1673) e conquistei alguns prêmios de melhor cenário no Rio de Janeiro. Também fiz o cartaz da peça de Adelaide Amaral, em São Paulo, chamada **A Resistência**, e fui agrupando esse mundo de plateias.

E algo que se pode perceber em minhas pinturas é que elas se assemelham a um

cenário teatral, pois, muitas vezes, os elementos estão no centro, se deslocam para um lado ou para o outro, como se o término da tela ou do papel fosse a boca de cena do teatro. Assim acontece em **O Circo Voador**, cujo nome eu utilizei baseando-me no grupo de teatro Saltimbancos e também na construção imagética de voar literalmente, sem atmosfera, sem precisar de um patamar na Terra; o voo como uma forma de flutuar no sonho e na realidade.



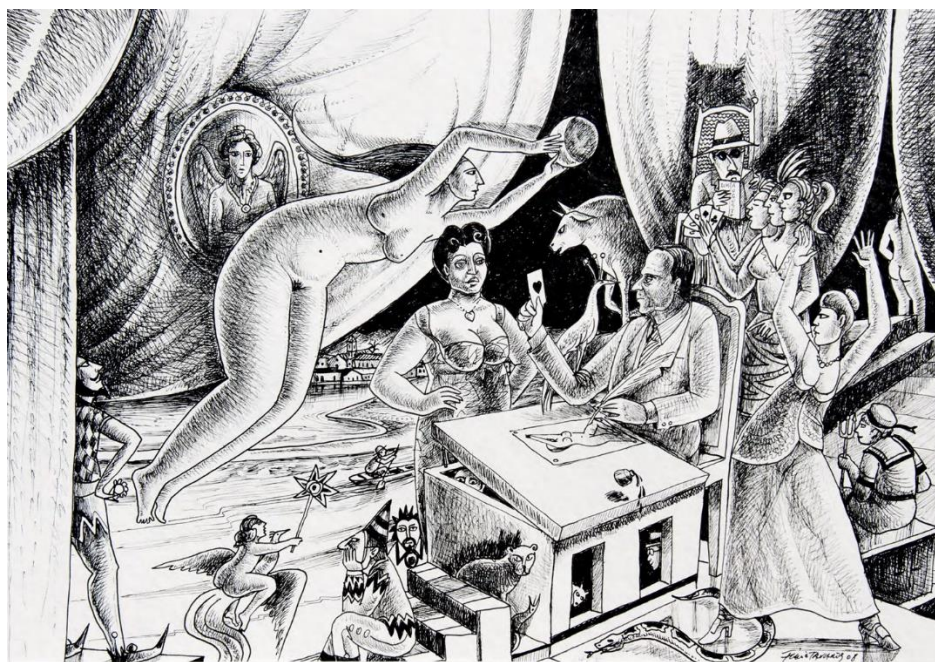
Série Circo Voador. Bico-de-pena sobre papel, 2009



Série Circo Voador. Bico-de-pena sobre papel, 2004



Série Circo Voador. Bico-de-pena sobre papel, 2008



Série **Circo Voador**. Bico-de-pena sobre papel, 2008

Há um forte elemento presente na série que é a mesa, em que muita coisa se passa ao redor dela. Em nossa família por exemplo, nos reuníamos sempre em torno da mesa com papai cantando, nós ouvíamos diversas histórias, absurdas, trágicas e alegres e nossa mente voava.

O **Circo Voador**, portanto, pretende ressaltar o diário íntimo de um sonho que não sei se é sonhado ou se eu faço a provocação de um sonho acordado, algo dúbio e com grande influência das histórias vividas em família.

Influências que vêm também de conflitos familiares, por exemplo. Eu me lembro de muitas viagens de papai, como as que ele fez juntamente com o Doutor Noel Nutels (1913 – 1973) (médico e indigenista brasileiro nascido na Ucrânia) que veio para o Brasil com a família de Clarice Lispector e cuja história é retratada no livro

O índio cor-de-rosa². Nutels e papai fizeram um trabalho ligado ao Serviço Nacional de Saúde de combate à *leishmaniose* visceral canina, transmitida por mosquito (acomete cães, gatos e humanos), ainda existente na região, e à malária. Então meu pai viajava muito, como para o Rio de Janeiro, onde eu morei dois anos quando éramos pequenos e uma parte dos parentes dele morava lá, como Jorge Tavares que atuava na Rádio Tupi e conhecia Elizeth Cardoso (1920 – 1990), Braguinha (1907 – 2006), entre outros, e papai acabou conhecendo-os também, até mesmo o Chacrinha, cuja família era de Campina Grande. Nesse período, ele chegou, inclusive, a fazer música para Severino Araújo (1917 – 2012).

² Escrito por Orígenes Lessa, *O índio cor-de-rosa* é um romance biográfico que narra a trajetória de Nutels e seu esforço em ajudar as populações esquecidas e os índios do Parque Xingu.



Série Circo Voador. Bico-de-pena sobre papel, 2008

Então, em meio a tantas viagens e histórias para contar, mamãe, muito nervosa, sempre desconfiava que papai tivesse várias amantes e fazia um drama em casa, quando ele viajava. E papai era um pouco boêmio, inclusive eu o achava meio parecido com Vinícius de Moraes neste aspecto. Ele contava infinitas histórias de amuletos, do sagrado, de canibais, algo que nem existia. Inclusive estou trabalhando numa sequência de pinturas chamada **Santuários da Amazônia**, que comeci muito antes do incêndio criminoso ocorrido lá, baseado neste fabulário que papai me contava também.

Além disso, convivemos com muitas pessoas conhecidas. Por exemplo, quando o papai combateu uma endemia de boubá³ aqui no Brasil, ele a extinguiu juntamente com Jorge Lobo e o Doutor Gil Menezes, seu chefe e pai de Gilberto Gil. Isso aconteceu em 1945, no pós-guerra. A boubá formava uma ferida, semelhante a sífilis, que necrosava e foi totalmente erradicada por eles. Também conhecemos Jorge Amado que veio a Paraíba conversar com papai, Câmara Cascudo que lançou um livro chamado **Plantas mágicas**

³ Doença infecciosa de pele, ossos e articulações causada pela bactéria *Treponema pallidum pertenue*



medicinais, trata-se de uma influência árabe na medicina brasileira.

Diante de tudo isso, o campo de histórias para se contar é muito rico. Hoje é possível até romanceá-las um pouco, mas eu sempre procuro agrupá-las em meus quadros, desenhos, como na série **Circo Voador**, que traz as memórias de situações ocorridas em torno da mesa, as agonias, os terrores etc.

LV – Há, então, um pouco de sua infância em cada uma de suas obras?

FT – Com certeza. Eu digo que na minha família éramos muito doidos, o que marcou minha infância. Mamãe, por exemplo, era irmã de um dos homens mais poderosos e ricos da Paraíba, que era uma figura boa e perigosa, ao mesmo tempo. Eu não me lembro dele porque se suicidou em 1958; e, a partir daí, a família passou por um certo declínio porque ele era a pessoa que tinha dinheiro.

Já papai teve vários conflitos com minha mãe. Filho de fotógrafo de Pernambuco, papai fez faculdade em Recife e sempre ouvia minha mãe dizer a ele que só se tornou médico graças a ela, pois ela que bancou seu curso na universidade e sua pensão em Recife. Uma vez, em meio a suas diversas viagens para o Brasil e para o exterior, ele teve uma amante na Espanha e, ao chegar em casa tocando castanholas, deixou mamãe desconfiada e louca para **matá-lo**. Tudo isso parecia um filme do Fellini. Todos ficávamos nervosos com essas situações. Um dia papai, cansado das brigas, quis sair de casa. Mamãe chamou os motoristas de seu irmão para levarem-no à

força para uma clínica psiquiátrica em Recife, onde ele permaneceu seis meses internado. Percebemos aí o poder do matriarcado.

Essa situação nos impactou muito, eu me lembro que estava na quarta série e perdi o ano perturbado, meus irmãos também ficaram muito abalados. Deveríamos ter feito psicanálise, mas a minha psicanálise, na verdade, foram os desenhos.

Por isso que eu admiro muito Frida Kahlo (1907 – 1954), cujos trabalhos eu conheci na Alemanha a partir de 1980, pois ela soube expressar as tragédias de sua vida na pintura e eu fiquei impressionado com a forma como ela retratou sua vida artisticamente. Afinal, a história está ligada ao nosso princípio visceral e não podemos ficar desprendidos da obra.

Outra influência que tive e que é retratada em meus trabalhos, por exemplo, é a questão da religiosidade. Quando eu tinha quatorze anos eu era obrigado a ir à missa acompanhado de mamãe, que se vestia de preto e colocava um véu no rosto. Durante a celebração eu ficava observando o teto e a nave da Igreja de São Francisco, de 1600, que eu frequentava, pois eram belíssimos. Ao perceber minha distração, mamãe me batia na cara e dizia para eu olhar para o padre, enquanto eu tentava ver aquelas imagens que pareciam cair sobre nós e que me amedrontavam, como as imagens de santo com olho de vidro. Sem contar que tudo era considerado pecado. Algo semelhante ao livro de Michel Foucault (1926 – 1984) **Vigiar e punir**. Assim, ao mesmo tempo em que tínhamos nossa liberdade, éramos punidos o tempo todo.



Éramos uma família de doze pessoas morando na mesma casa. Fazíamos parte da classe média. Mamãe não trabalhava e costumava perguntar pelo dinheiro de papai, afinal médico tem carro, dinheiro, viaja, e papai dizia que o dinheiro estava todo transformado dentro de um cofre, que era o vaso sanitário.

O nosso irmão mais velho era o mais culto e responsável pela tradução do mundo para nós, como se fosse o lado racional da casa, pois nós tendíamos mais para a emoção e ele nos dizia para ter calma que tal situação também aparecia nas tragédias de Shakespeare. E assim começávamos a observar o nosso mundo como algo teatralizado, sem ser. Mas, além dos dramas, também aconteciam grandes festas no quintal de casa, com muitas cores, balões, e mamãe era uma grande cozinheira que chegava a reunir cerca de 50 a 60 pessoas em nossa casa. Hoje ainda reúno os amigos, mas toda essa tradição se perdeu um pouco.

LV – Um dos elementos fortemente presentes em sua obra é a figura da mulher. Poderia comentar um pouco mais a respeito?

FT – O papel da mulher na sociedade nordestina é muito intenso, pois é ela quem estabelece a ordem da casa, a educação dos filhos, entre diversas outras questões, pois o homem tomava decisões em outros lugares, como no trabalho; mas, dentro de casa, a figura feminina é decisiva. E na minha família não era diferente. Eu me lembro que, quando meus irmãos foram presos, minha mãe foi ao Grupamento de Engenharia conversar com

o general, fazendo o maior escândalo e gritando com ele. Já papai era muito sonso, passivo e quieto. Uma vez, quando um irmão meu que cursava Direito foi preso, mamãe ficou gritando na porta da faculdade onde ele estudava e tiraram uma fotografia dela com o cabelo todo arrepiado tentando entrar na instituição, que foi publicada com a legenda **A mãe**, em razão do livro homônimo de Maximo Gorki (1868 – 1936).

Também me recordo da figura de mamãe em casa, costurando, cozinhando canjica para as festas do Dia de São João e nos ajudando no que precisávamos. Essa forte presença feminina muito retratada nos filmes de Pedro Almodóvar (cineasta espanhol).

Outra situação que me marcou é o puritanismo, pois eu me lembro que, quando pequeno, ia passear no sítio e me escondida, junto com outros garotos, para ver as lavadeiras com as roupas molhadas e grudadas ao corpo. Quando uma delas nos descobria, levava-nos até as nossas mães e eu apanhava de minha mãe porque estava querendo ver o corpo delas. Assim, podemos dizer que todo nosso crescimento e educação foi dominado pelo campo feminino, pois tudo se passava sob o olhar materno, a nossa postura, a escolha das nossas roupas, dos sapatos etc.

Além disso, a religiosidade está muito atrelada à imagem feminina também, pois era mamãe quem frequentava a igreja e nos obrigava a participar das missas, classificava tudo como pecado; enfim, havia todo um mundo que fomos driblando no decorrer dos anos.



3º no Reinado da lua: A Semente. Acrílica sobre tela, 1990

LV – Por falar em religiosidade, outra característica presente em suas obras são elementos religiosos como, por exemplo, pinturas de São Francisco produzidas recentemente e a imagem de Adão e Eva retratada sob diferentes perspectivas. Poderia comentar a respeito?

FT – Recentemente eu pintei São Francisco de Chagas, São Francisco no mundo e São Francisco no mundo dos céus que é a Lua. Trata-se da releitura de um quadro danificado, que eu fiz em 1993, para uma capela do Tribunal do Trabalho.

Quanto à retratação de Adão e Eva em minhas obras, trata-se da influência religiosa que tivemos. Eu me lembro que quando papai vinha me ensinar evolução das espécies com o livro de Darwin nas mãos, mamãe dizia para eu não escutá-lo, que não deveríamos ouvir tal história porque nós nascemos a partir de Adão e Eva. Então, tudo era marcado, biblicamente, de forma muito séria.

Até hoje, por exemplo, eu não sei desenhar com perfeição uma mulher explicitamente nua, pois éramos proibidos de vê-la sem roupa. Sofríamos uma espécie de castração.



A Mãe. Acrílica sobre tela, 1997

LV – Na sua opinião, diante de tudo isso, as pessoas hoje possuem um senso crítico maior ou estamos vivendo um retrocesso ao considerarmos a atual situação do país?

FT – Existe um retrocesso sim, mas as nossas gerações e dos nossos filhos estão muito à frente. Hoje, o sexo fora do casamento já é algo mais aceitável, assim como o homossexualismo, entre outros temas. Acredito que a juventude deu um salto a partir do movimento *hippie* para cá, em que também temos movimentos

políticos de abertura e a mente da juventude brasileira se abriu. Os jovens de hoje saem para ouvir **Nação Zumbi**, vão ao carnaval na Bahia, seja menino ou menina, e, no meu tempo, não podíamos ir a nenhum lugar.

Até os dezoito anos, eu nunca tinha dormido na casa de amigos, pois minha mãe não deixava. Hoje essas restrições foram mais diluídas, estamos mais livres; há, porém, infelizmente, grupos conservadores querendo frear essas liberdades.



Adão e Eva. Óleo sobre madeira, 1967



Adão e Eva. Pastel, 1968



Eva. Acrílica sobre tela, 2003

LV – Gostaria de deixar um comentário final?

FT – Na *Gestalt*⁴ sempre fechamos um ciclo para abrir outro, fechamos ciclos com amigos, com uma pessoa afetiva, mas eu jamais esperava que o ciclo político, sociológico e geográfico se fechasse tão rápido com a venda de nossas riquezas, com uma verdadeira barbárie pela América Latina e, principalmente, aqui no Brasil, podendo aflorar para algo ainda mais grave. Em decorrência disso, nós nos tornamos políticos sem ser, fazendo análises políticas. Apesar disso tudo, eu não me considero uma pessoa negativa e tenho esperança na juventude, que considero algo muito bonito, com sua união de diferenças na América Latina,

⁴ Teoria da Psicologia que defende a compreensão das partes para que se compreenda o todo.

onde vemos tantas riquezas intelectuais, pois aqui temos prêmio Nobel da Paz, atrizes fantásticas como Fernanda Montenegro, entre tantas outras personalidades. Portanto, eu acredito que nossa situação melhorará, vamos lutar para isso.

Além disso, há muitas pessoas boas na sociedade. Em 2018, por exemplo, eu fui chamado para mostrar algumas obras minhas em colégios para que os alunos fizessem uma releitura delas. Eu vi tanta sabedoria em jovens de 14 anos de regiões periféricas, onde eu percebo movimentos fantásticos. Outro dia eu recebi a visita de uma amiga que pertence a movimentos quilombolas juntamente com seu marido. São pessoas simples, que ganham um pouco mais que um salário mínimo, mas com um conhecimento incrível e conscientes da situação em que estão



inseridos, já tiveram contato com pessoas como Milton Santos (1926 – 2001), Florestan Fernandes (1920 – 1995) e Marilena Chauí, algo que não via em minha época. Por isso estou esperançoso.



Mariana da Cruz Mascarenhasⁱ

ⁱ Mestra em Ciências Humanas, especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior e em Comunicação Empresarial, graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo. Assessora de comunicação e pesquisadora-membro do Centro de Estudos Logo-Imagéticos CONDES-FOTÓS Imago Lab da JackBran Consult.